

A ETNOMATEMÁTICA PRESENTE NOS ARTESANATOS DAS PULSEIRAS E COLARES INDÍGENAS GUARANI: O INDÍGENA E A NATUREZA

Rhuan Guilherme Tardo Ribeiro¹
Josie Agatha Parrilha da Silva²
Roger Miarka³

RESUMO

Esta pesquisa salienta algumas discussões presentes em uma pesquisa de doutorado, que tem como objetivo realizar uma análise dos artesanatos e adereços produzidos pelos artesãos e artesãs indígenas Guarani, localizado na comunidade Tekoha Ocoy no município de São Miguel do Iguacu, na região oeste do Paraná. Buscamos elementos a partir do programa da Etnomatemática utilizados pelos artesãos na criação e elaboração de seus artesanatos, assim como as simbologias espirituais, cotidianas e socioculturais a partir das práticas das feitura artesanais acerca dos processos de comercialização utilizado pelos povos originários na comercialização de seus artesanatos. A partir de uma observação participante notamos a importância que os artesanatos possuem para o fortalecimento da cultura Guarani no contexto das histórias de lutas dos povos indígenas.

Palavras-chave: Artesanato. Povo Guarani. Etnomatemática.

THE ETHNOMATHEMATICS PRESENT IN THE CRAFTS OF GUARANI INDIGENOUS BRACELETS AND NECKLACES: THE INDIGENOUS AND NATURE

ABSTRACT

This research some indigenous investigations, which aims to carry out an analysis of artisans and indigenous arts of Guarani, located in the community of Tekoha Ocoçu, in the western region of Paraná. It seeks from a set of ethnomathematical programs used by its peoples in the creation and elaboration of their artifacts, as well as yes and yes, from sociocultural handicrafts from the practical practices of the promotion processes used by the natives in the promotion of their handicrafts. From a participant observation, we noticed the importance that handicrafts have for the strengthening of the Guarani culture in the context of the stories of struggles of indigenous peoples.

¹ Doutorando em Educação para Ciências e a Matemática pela Universidade Estadual de Maringá (PCM-UEM), Mestre em Ensino pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Foz do Iguacu (PPGEN-UNIOESTE). Licenciado em Matemática, pela Faculdade de Ensino Superior de São Miguel do Iguacu (FAESI). Licenciado em Física pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Pós-graduado em Educação do Campo, Educação Especial Inclusiva, Metodologia de Matemática e Física, pela Faculdade São Luiz. Atualmente, integrante dos Grupos de Estudos em História da Matemática e Educação Matemática (GHMEM/UEM) e INTERART: Interação entre arte, ciência e educação: diálogos e interfaces com as Artes Visuais da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Professor de Matemática e Física no Colégio Estadual Indígena Teko Nemoingo. Sua proposta de pesquisa é a diversidade no ensino de matemática, levando em consideração a realidade sociocultural dos alunos e seus contextos educacionais.. E-mail: rhuan.smi@hotmail.com.

² Doutora em Educação para Ciência e a Matemática pelo Educação para a Ciência e a Matemática - PCM - UEM (2009-2013). Pós-Doutorado em Educação para a Ciência - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP de Bauru (2015-2016) Mestre em Educação pela Programa de Pós-Graduação em Educação - PPE - UEM (2004-2006). Especialização em Educação Pública - UEM (2001-2003) e Especialização em Docência no Ensino Superior - CESUMAR (2006-2007). Licenciatura em Pedagogia (1984-1988) e Licenciatura em Artes Visuais (2004-2006). Atuação Profissional: Professora Associada do Departamento de Artes, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, UEPG. Atua em disciplinas ligadas a formação pedagógica para o curso de Licenciatura em Artes Visuais. Docente do corpo permanente dos Programas stricto sensu de Pós-Graduação: Ensino em Ciências e a Educação Matemática (PPGCEM - UEPG) e Educação para a Ciência e a Matemática (PCM - UEM). E-mail: japsilva@uepg.br.

³ Doutor em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus Rio Claro. Professor na mesma instituição. Endereço para correspondência: Avenida 24A, 1515, Caixa Postal 178, Bela Vista, CEP: 13506-900, Rio Claro, SP, Brasil. E-mail: roger.miarka@unesp.br.

Keywords: Craftsmanship. Guarani people. Ethnomathematics.

Data de submissão: 20.08.2022

Data de aprovação: 22.03.2023

INTRODUÇÃO

A Matemática, ao longo dos tempos, vem sendo construída conforme as necessidades dos seres humanos de compreender o espaço de interação sociocultural em que estão inseridos conforme acordo com suas relações multiculturais. Sendo assim, já que cada sociedade possui suas necessidades, podemos assumir que cada povo possui suas próprias práticas matemáticas, sendo construídas ou sistematizadas conforme suas línguas maternas, interpretações e interações com o meio em que vivem e se relacionam.

Partindo do pressuposto que existe uma diversidade de outras matemáticas, utilizamos a metáfora de D'Ambrosio (2016) das “gaiolas epistemológicas”, fazendo uma comparação aos pássaros que vivem gaiolas. Os pássaros só conseguem enxergar e sentir o que as grades permitem, só se alimentam do que encontram na gaiola ou do que os dão para comer, só voam no espaço delimitado de suas gaiolas, só se comunicam numa linguagem conhecida por eles, se reproduzem dentro dessa gaiola, sem ter muita possibilidade de escolha de seus parceiros. Porém não conseguem perceber nem que cor a gaiola é pintada por fora. Nesse ínterim,

Sair da gaiola não é fácil, pois as gaiolas oferecem vários benefícios, como o reconhecimento pelos pares, o que garante emprego e promoções. Mas o preço por estes benefícios é alto: as grades impedem sair e voltar livremente. Com isto não há possibilidade de ver e conhecer a realidade natural e social, de se inspirar pelo novo para a criatividade (D'AMBROSIO, 2016, p. 224).

Observamos que ao longo da história das sociedades humanas e da história das matemáticas, as classes dominantes se utilizam do poder para forçar as demais civilizações a se adequarem aos modos eurocêntricos de pensar e se comportar, tentando catequizar os indígenas, ensinando outras línguas, e mesmo escravizando aqueles que não aceitavam a se manter em suas gaiolas.

A Etnomatemática foi a chave encontrada por D'Ambrosio para abrir as portas dessas gaiolas para a imensidão e diversidade das matemáticas encontradas na formação sociocultural e humanística dos povos ao longo dos tempos. Sendo assim, a Etnomatemática “teve sua origem na busca de entender o fazer e o saber matemático de culturas marginalizadas. Intrínseca a eles há uma proposta historiográfica que remete à dinâmica cultural da evolução de fazeres e saberes” [...] (D'AMBROSIO, 2010, p. 44-45).

Um dos grupos colocados em gaiolas pelo processo de colonização, foram os grupos indígenas. O grupo colonizador e opressor tentou definir e unificar os grupos indígenas, promovendo preconceitos e não reconhecendo o valor que essas sociedades tiveram para formação cultural, matemática, linguística, alimentícia e medicinal do povo brasileiro.

Nesse contexto, buscamos ressaltar a importância sociocultural que os grupos indígenas tiveram para a Matemática ocidental, já que a interação no processo de catequização entre jesuítas e autóctones aconteceu nas missões jesuíticas, em que ocorreram muitas trocas de conhecimentos, apesar da escravidão indígena, mortes por doenças e até mesmo pela imposição religiosa de um Deus onipotente. D'Ambrosio (2012, p. 131) ressalta que

A etnomatemática do indígena serve, é eficiente e adequada para coisas muito importantes. Não há por quê substituí-la. A etnomatemática do branco serve para outras, igualmente muito importantes. Não há como ignorá-la. Pretender que uma

seja melhor que a outra é uma questão falsa e falsificadora, se removida do contexto. O domínio de duas etnomatemáticas, e possivelmente de outras, oferece maiores possibilidades de explicações, de entendimentos, de manejo de situações novas, de resolução de problemas. É exatamente assim que se faz pesquisa matemática em qualquer outro campo do conhecimento.

Neste contexto, ser indígena indica não se submeter à proposta do colonizador, que idealiza tudo e todos, até mesmo os fenótipos das características biológicas de como deve ser e se comportar um indígena. Ser indígena é almejar uma luta para mudar o movimento de uma sociedade que ao longo dos anos extermina os grupos indígenas, forçando o abandono de suas religiões e fazendo desses grupos uma mão de obra barata.

Com a poluição e o desmatamento, os indígenas acabaram tendo que se reconstruir culturalmente para poder sobreviver. Uma das maneiras de acesso ao setor financeiro foi a produção e comercialização de seus artesanatos. Carregados de muitos valores e significados místicos, simetria e proporcionalidade, esses artesanatos começaram a se difundir na arte e na decoração brasileira.

A decoração e confecção destes artesanatos variam à medida da criatividade do artesão ou artesã indígena Guarani, e pode possuir diferentes formas geométricas, interpretados pelos não indígenas como triângulos, paralelogramos, pentágonos, hexágonos, losangos, quadrados e retângulos, representados ao redor da cabaça, penas de aves nativas de papagaios, araras e tucanos. Possuindo diversas cores, em destaque o amarelo, o verde, o branco, o azul claro e azul em tons escuros, o vermelho e o alaranjado (RIBEIRO, 2019). Ainda é válido destacar que, as formas geométricas não têm o mesmo nome/significado cultural em culturas distintas.

Na cultura dos povos indígenas esses artesanatos possuem, em primeiro lugar, uma função cotidiana, sociocultural e/ou religiosa, mas também possuem muita beleza, originalidade e vários significados, características que fazem deles mais que simples utensílios, sendo importantes manifestações artísticas. Os *designs* atendem uma demanda da matéria-prima existente na natureza, das tecnologias, dos conhecimentos do saber/fazer que cada grupo indígena assume.

Para abordar todo esse contexto entre artesanatos, matemáticas e os povos indígenas, devemos compreender o processo sistêmico da cultura. Então, nesse tocante, “[...] em outras palavras, a cultura permite traduzir melhor a diferença entre nós e os outros e, assim fazendo, resgatar a nossa humanidade no outro e a do outro em nós mesmos” (DA MATTA, 2006, p. 127). A cultura é dinâmica e se estrutura conforme as necessidades e realidades de cada sociedade, conforme seu sistema de organização.

1 PULSEIRAS E COLARES (JYVAREGUA/MBO'Y)

Há muitos registros históricos da humanidade que informam sobre a utilização de adornos para as mais diferentes finalidades, de acordo com a necessidade de cada cultura e momentos históricos. Acredita-se que muitos colares e pulseiras foram utilizados por homens e mulheres na antiguidade para compensar suas inseguranças e para proteção. Utilizavam também como forma de se embelezar, mostrando a sensibilidade humana ao criarem suas primeiras obras de arte (SKODA, 2012). O uso desses acessórios era também um fator de afirmação social, *status* social e religiosidade entre os indivíduos, conforme suas realidades socioculturais (ROSA; BESSA; ALMEIDA, 2014).

É difícil dizer qual foi a primeira civilização a utilizar adornos corporais. Desde a pré-história, colares e pulseiras fazem parte da indumentária da humanidade, passando por processos que variam de civilização para civilização. Esses adornos são símbolos de heranças familiares e de muitas histórias, ultrapassando barreiras estéticas, podendo estar interligados à memória afetiva de cada pessoa. Essas peças artesanais podem contar muitas narrativas, sendo

elas individuais ou mesmo a história das civilizações, de como uma peça artesanal pode ter mudado o curso da humanidade em seus aspectos mais gerais.

Em conversas informais com alguns dos professores indígenas, as comunidades Guarani foram as primeiras sociedades a promover manifestações da joalheria artesanal no Brasil. Esses grupos sempre desfrutavam do que a natureza tinha a oferecer, pintando seus rostos e corpos, usando brincos de coco, ossos e penas de aves para se enfeitar. Portanto, antes das chegadas dos europeus, era possível identificar que existiam inúmeros diferentes grupos indígenas nessa região em que eles acreditavam ter chegado às “índias”, a partir da observação das pinturas corporais e adornos, como os colares, cocares e pulseiras.

As pulseiras e colares, por exemplo, variam muito de um grupo para outro, e até mesmo dentro da mesma comunidade pois, para cada artesão/artesã indígena, o olhar artístico e matemático acaba sendo influenciado pelos seus conhecimentos ancestrais e familiares, e seus artesanatos carregam essa riqueza de conhecimento em sua constituição.

Para Maldaner (2016), o povo indígena Guarani é, em número, um dos maiores grupos indígenas da América do Sul, e carregam essa cultura artesanal histórica ao longo dos séculos. Utilizam seus colares e pulseiras como forma de um fazer/saber artesanal. Apesar de não usarem esses adornos com tanta frequência como antigamente, é válido destacar que em dias atuais, na maioria das vezes, o uso desses objetos não são vestimentas do cotidiano; pelo contrário, tem a ver com as atividades de rituais e festividades na aldeia. Esses artesanatos se mantêm nas aldeias indígenas, em especial na comunidade *Tekoha Ocoy*, em que as meninas se interessam em fazer principalmente pulseiras de miçangas (Figura 1). Além de ser uma forma de arte, traz beleza e muito significado cultural.

Na aldeia de *Ocoy*, os colares e pulseiras se diferenciam entre os meninos e meninas indígenas nos dias atuais. A artesã indígena Guarani da aldeia de *Ocoy* destaca que:

Nós fazemos vários colares de sementes e também de miçangas, as miçangas não são da nossa cultura, a gente aprendeu mais com Juruá (não indígena). Mesmo não sendo da nossa cultura Guarani, nós fazemos desenhos nos colares e nas pulseiras, que tem significados para nós, a gente aprendeu a fazer com nossos avós desde crianças, então, nosso conhecimento passa de geração para geração. (G. O. artesã, 41 anos).

Figura 1 – Pulseiras indígenas de miçangas



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2021).

Na comunidade de *Ocoy*, também temos os colares mais natural, que é feito de sementes, conhecidas como lágrimas de

nossa senhora ou lágrimas de Santa Maria para os brancos, e em Guarani chamamos de kapi'i a. É uma semente branquinha que usamos bastante para fazer as pulseiras e colares tracionais da nossa cultura. Temos outras sementes também de uva japonesa, ameixa, pau-brasil (uma semente vermelha), butiá, olho de boi. E os pedacinhos de bambu que colocamos juntos nos colares para enfeitar (G. O. artesã, 41 anos).

Em épocas remotas e sem muito contato com os não indígenas, em muitas aldeias indígenas os membros usavam adornos corporais, como colares e plumas, sempre com marcações que indicavam a qual clã pertenciam, utilizando penas de diferentes cores, usando colares, pulseiras, cocares e brincos. As pinturas eram usadas em rituais ou quando iam acontecer enfrentamentos com outras sociedades e povos ou entre si por territórios, caça e pesca (SOUZA, 2020). Isso ainda é identificado na feitura dos artesanatos confeccionados pelos artesãos de *Ocoy* frente às demais aldeias da região. A maneira como o grupo de artesãos desenvolve seus artesanatos se diferencia conforme suas necessidades da matéria-prima disponível na natureza, os aspectos socioculturais e ao público de visitantes que buscam o interesse em seus artesanatos.

Os colares feitos de sementes servem para distinguir um grupo indígena de outros, ou até mesmo as pessoas dentro da própria comunidade. Eles significam proteção e fortalecimento do espírito. As sementes são elementos sagrados para o povo Guarani e ajudam a manter aspectos etno-históricos em seus artesanatos (SILVA, 2015).

Na aldeia de *Ocoy*, as lideranças indígenas, em seus cotidianos de reuniões e festividades, buscam sempre se apresentar com colares de sementes no pescoço (Figura 2), isso para os indígenas mostra respeito aos demais membros da comunidade e proteção dos maus espíritos, contribuindo para que a organização da aldeia e das famílias permaneça sempre lápidas as influências negativas das sociedades dos não indígenas, como a imersão nas drogas, álcool e a tecnologia inapropriada aos costumes Guarani (PERES, 2020).

Figura 2 – Colares feitos com sementes tradicionais da comunidade Guarani do *Ocoy*



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2021).

Assumir uma escuta dos povos indígenas, por meio dos diálogos e das entrevistas, é escutar as histórias dos caminhos trilhados por seu povo na busca de princípios que sejam significativos ao seu jeito singular de ser e fazer.

Os antepassados, os nossos avós, faziam colares, brincos e pulseiras com algum sentido para eles. O colar todo de semente branca de kapi'i a, são feitos para proteção, então muitas mulheres e homens quando iam caçar, usavam esses colares para se proteger dos animais, para eles não atacarem, morder ou picar. Para não acontecer isso, esses colares eram levados para Casa de Rezas e benzidos antes de usar. Tem outros colares com mais cordões que são usados na Casa de Rezas, quando os guerreiros vão dançar (Figura 2), que servia como proteção para as vitórias. Tem o chocalho (Mbaraká miri) (Figura 3), que meu vô levava quando saímos, que ele dizia que tinha o barulho das sementes dentro, era o barulho do som da jararaca, para ver se a cobra não estava por ali, e então poderíamos seguir nosso caminho. Hoje o chocalho também serve para acompanhar o canto e dança desses guerreiros (G. O. artesã, 41 anos).

Figura 3 – Um dos colares de guerreiro do povo Guarani de *Ocoy*



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2021).

Os colares e pulseiras, assim como o chocalho (*Mbaraká miri*), no momento das orações na casa de rezas Guarani, servem como uma ligação direta com os Deuses, é uma forma dos indígenas se apresentarem para Deus. Para Seeger (1987, p. 174) “Os instrumentos musicais na América do Sul compartilham da importância da música. São tidos, frequentemente, pelos nativos como objetos que incorporam um poder identificado com diversas espécies de espíritos, seres ou grupos de pessoas”.

Segundo Nascimento e Freire (2021, p. 7), “esse instrumento é conhecido como [...] *mbaraká* ou o *mbaraká mirim*, que podem ser considerados como uma espécie de chocalho feito de porongo com sementes em seu interior, e o *takuapu* (bastão de ritmo) foram ressignificados em processos semelhantes.” Sendo por meio do canto e das danças que os povos originários pedem a proteção de suas colheitas e saúde para suas famílias a *Nanderu*, utilizando nas cerimônias o chocalho (*Mbaraká miri*), pois ele é um instrumento musical que seu som fortalece a relação entre os indígenas, a natureza e seus Deuses, sendo representado pela (Figura 4).

Figura 4 – Artesanato chocalho (*Mbaraká miri*)

Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2021).

Na nossa cultura, tudo tem espírito, a natureza tem espírito. Então, temos que sempre pedir permissão para aquele espírito da árvore e de suas sementes para fazer o artesanato, e também agradecer. Assim, os colares também ajudam na proteção dos maus espíritos. Por isso falamos para os jovens sobre a importância do artesanato, para o fortalecimento do nosso deus (Nhanderú) e da nossa cultura Guarani (G. O. artesã, 41 anos).

Esses artesanatos contam um pouco dessa história de luta indígena para fortalecimento de sua cultura e história, já que traduz em seus desenhos e em suas formas artísticas esse mundo místico que, em geral, existe na mentalidade de cada povo, em suas memórias ancestrais, em sua oralidade, e que é o motor que faz os povos originários continuarem vivos e atuantes na luta por seus direitos (BARÃO, 2007).

É possível notar, ao visitar a comunidade de *Ocoy*, que muitos indígenas usam pulseiras e colares, principalmente as meninas, que estão em busca de um namorado, ou simplesmente porque querem se sentir embelezadas por seus artesanatos. Algumas, por esse motivo, acabam aprendendo a fazer as pulseiras e colares, e outras acabam comprando de suas amigas e colegas, ou emprestando uma para a outra dentro da comunidade. O processo de compra e venda já começa dentro das próprias comunidades e depois se expande para os não indígenas. Deste modo, paradoxalmente, o mesmo artesanato que sustenta os grupos originários também os fragiliza. Ao sair de suas aldeias para vender seus artesanatos, principalmente pulseiras e colares, muitas vezes, acabam enfrentando dificuldades a partir de um contato desigual com o não indígena, pois, não dominam os códigos linguísticos, nem os códigos sociais, colocando-os à mercê de uma sociedade opressora e escravocrata.

Para aprender fazer as pulseiras e colares, que chamamos de *Jyvaregua/Mbo'y* tem que ter vontade e ter paciência, mas no final o trabalho fica muito bonito, e ainda ganhamos um dinheiro com isso. E podemos assim ajudar nossa família. Os materiais que utilizamos são sementes, miçangas, linhas, agulhas finas, tesoura, um isqueiro, potes para separar as bolinhas ou sementes, e um pano para colocar as miçangas espalhadas (Figura 5) (G. O. artesã, 41 anos).

Figura 5 - Organização do espaço para fazer as pulseiras e colar

Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2021).

Antes de começar a fazer as pulseiras de miçangas, a gente já pensa em um grafismo, colocando também a nossa dedicação, o nosso cuidado. Escolhendo as cores e os desenhos que nós Guarani gostamos, para ficar bonito, para representar a cobra, a onça e outros pássaros coloridos. Quando a gente vende o nosso artesanato, a gente vende o nosso conhecimento da nossa cultura, e o importante é isso, nunca deixar morrer o respeito pelo nosso jeito de ser (G. O. artesã, 41 anos).

O gosto indígena pelos colares de contas⁴ fez com que as contas de vidro trazidas pelos europeus caíssem em solo fértil com os navios negreiros e, junto com toda essa história de dor, sofrimento e escravidão, chegava também os seus objetos artesanais de matriz africana (LAGROU, 2012). Ocorreu uma junção entre os artesanatos indígenas e os objetos de matriz africana, já que as miçangas fazem indicação a essa época histórica.

A inserção das miçangas nos artesanatos indígenas, na confecção de colares e pulseiras possibilitou a extração e a composição de novos modelos e passou a mesclar o significado dos colares com novos grafismos e cores (Figura 6). “Através dos grafismos presentes nos artesanatos, nós, Guarani, valorizamos historicamente e culturalmente a memória de nossos ancestrais e, assim, preservamos a nossa maneira de ser e de viver, mantendo viva a nossa tradição” (SILVA, 2015, p. 10). As miçangas foram incluídas na produção desses adornos, provavelmente devido à variedade de cores, e isso permite outra plasticidade, mas também devido à falta de sementes e natureza nas aldeias, o que dificulta os processos de feitura. Na aldeia *Ocoy* os artesãos também passaram a utilizar as miçangas que possuíam a mesma inserção indicada pelo autor.

⁴ Um colar usado pelos adeptos das religiões de matriz africana. Geralmente é feito de miçangas coloridas.

Figura 6 – Colar com feito com miçangas

Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2021).

Ainda acerca dos grafismos ou malhas presentes nos artesanatos indígenas, os Guarani valorizam historicamente e culturalmente a memória de seus ancestrais e, assim, preservam os seus jeitos de ser e de viver, mantendo as suas tradições, culturas e espiritualidades (SILVA, 2015).

O perfeccionismo exigido no processo da confecção do artesanato certamente é um ideal do trabalho para muitos grupos indígenas e os próprios artesãos reconhecem aquelas pessoas da comunidade que têm a capacidade de produzir um trabalho de qualidade superior. É válido destacar que as mulheres indígenas, muitas vezes, acabam desmanchando belos colares de miçanga porque, segundo elas, não estavam adequados ao padrão de qualidade ou beleza esperado. Esse rigoroso olhar dos artesãos está de acordo com a ética ascética do trabalho permanente, incessante. Muitos acreditam que, graças a esse perfeccionismo, jogo de cores, simetrias e padrões, que os não indígenas procuram seus artesanatos (ANDRADE, 2007). Nas pulseiras e colares dos Guarani de *Ocoy*, isso também aconteceu na observação e descrição do pesquisador com as artesãs indígenas.

Geralmente são usadas para fazer as pulseiras de miçangas que são as que mais vendem, miçanga bem pequeninha, de número nove. Uma agulha bem fina de número nove também que, se quiser fazer sem agulha, também dá, mas demora mais para passar a linha de silicone, que tem que ser transparente de um milímetro. Primeiro vai colocar cinco miçangas brancas, depois intercalar uma preta, uma marrom e uma preta. Repetindo esse, passa mais umas duas vezes (Figura 7) (G. O. artesã, 41 anos).

Figura 7 – Primeiro passo para começar a pulseira de miçangas

Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2021)

Cada pulseira representa alguma coisa para nós, como as cobras, as onças e a própria natureza, as flores e os animais (Figura 8). Como já estamos sem natureza e poucas árvores no Ocoy, as miçangas ainda são uma boa opção para fazer o artesanato, vendemos para outros estados e, às vezes, até para fora do Brasil, para os visitantes ou por encomendas que são feitas (G. O. artesã, 41 anos).

Na busca por valorizar as identidades regionais indígenas, surge uma possível expansão e imersão cultural, buscando apresentar o artesanato Guarani da perspectiva dos próprios indígenas. Sabemos que, em muitas comunidades, o artesanato é a principal fonte de renda para a subsistência das famílias, contudo, isso não significa que os objetos passam a ser *suleados*⁵ somente pelo seu papel econômico-financeiro, sendo, então, necessária uma contextualização do que se vende e do que não se vende, partindo da cosmologia e da religiosidade Guarani (COELHO; ALMEIDA, 2019).

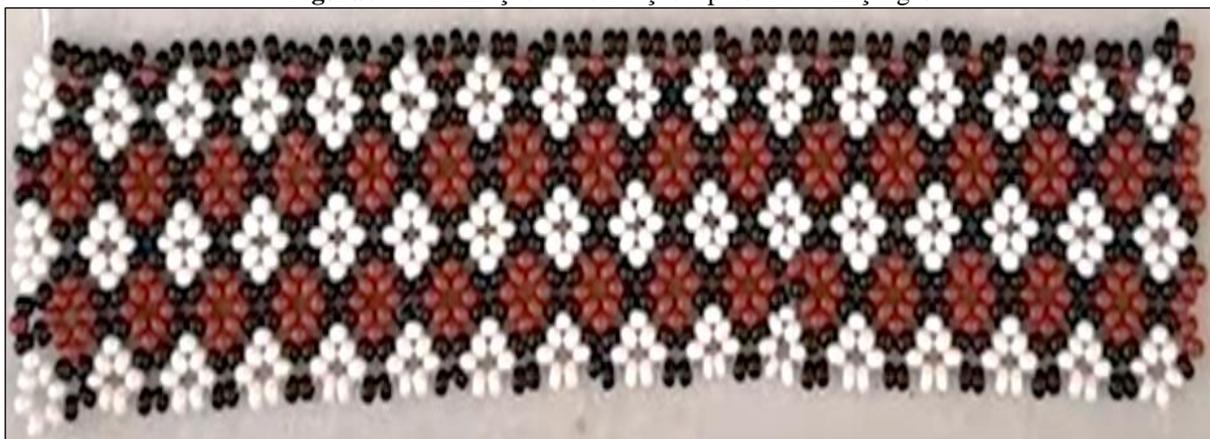
⁵ A expressão “*sulear*” contrapõe o caráter ideológico do termo *nortear* (de *nortear*), dando visibilidade a uma perspectiva do Sul como uma forma de contrariar a lógica eurocêntrica dominante a partir da qual o Norte é apresentado como referência universal no contexto social.

Figura 8 – Momentos da confecção a pulseira de miçangas

Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2021)

Nesse momento os passos vão se repetindo até que fecham o tamanho do punho, se fazemos para os indígenas tem que ser menorzinho, mas se for para vender para os não indígenas e deixar no barracão de artesanato, temos que fazer em um tamanho maior (G. O. artesã, 41 anos).

Nas comunidades indígenas, os artesãos e artesãs, muitas vezes, sabem quem confeccionou determinado artesanato. Isso indica que a autoria e a liberdade para criar alguns modelos de pulseiras estão presentes. No entanto, não existe a concepção de direito exclusivo sobre a confecção de um artesanato e nem ideia de propriedade desses objetos, como às vezes é interiorizado pelos não indígenas. Existem as produções artesanais que podem ser classificadas como individuais e as criações artesanais que pertencem a grande parte da aldeia (DAMAS, 2019).

Figura 9 – Finalização da confecção a pulseira de miçangas

Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2021).

As moças Guarani usam mais as pulseiras e colares para chamar atenção dos homens indígenas, então, além de ser da nossa cultura fazer as pulseiras, ajuda também na beleza da mulher indígena para conquistar o marido. E elas ficam muito bonitas com os brincos de penas e suas pulseiras coloridas (Figura 10) (G. O. artesã, 41 anos).

Figura 10 – Pulseira de miçangas Guarani finalizada

Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2021).

Depois que a pulseira fica pronta, eu fico muito feliz, dá um trabalho para fazer no começo para quem está aprendendo. As meninas da nossa aldeia Ocoy ficam muito bonitas quando as usam, os meninos também usam e fazem até de times de futebol às vezes, ou com os seus nomes, ou com o nome das namoradas. Mesmo assim, é triste os jovens já não querem mais aprender artesanato, é difícil fazer eles ter interesse. Poucos ainda procuram os mais velhos para aprenderem. A influência do não indígena, do celular, tirou o interesse das nossas crianças por algumas coisas da nossa cultura (G. O. artesã, 41 anos).

Assim, é possível perceber que cada pulseira ou colar muda de acordo com o artesão que a está confeccionando. Os grafismos incorporados, figuras geométricas, desenhos, os padrões simétricos e as cores, são escolhidos conforme os aspectos socioculturais e a identidade de cada artesão ou artesã. “São adereços de uso ritual ou cotidiano e indicadores da condição etária, sexual, social e étnica. São elaborados com materiais de origem vegetal, cabaça, castanhas, bambu, animal, pêlos, dentes, ossos, penas; mineral, granito, sílex” (PASCHOALICK, 2008, p. 55). Deste modo, geralmente, quem confecciona as pulseiras ou colares são as mulheres da comunidade, por serem adornos que necessitam de bastante paciência em seu processo de criação e delicadeza na escolha de seus padrões decorativos e etnomatemáticos.

A geometria está por toda parte..., mas é preciso conseguir enxergá-la... Mesmo não querendo, lida-se no cotidiano com as ideias de paralelismo, perpendicularismo, semelhança, proporcionalidade, medição (comprimento, área e volume), simetria: seja pelo visual (formas), seja pelo uso no lazer, na profissão, na comunicação oral, cotidianamente se está envolvido com a geometria (LORENZATO, 1995, p. 5).

Nesse ínterim, é possível destacar que esses adornos contribuem para vários eixos da cultura indígena, como os elementos artísticos e matemáticos geométricos e a própria socialização entre as famílias, principalmente entre as mulheres indígenas, ensinando suas filhas a fazerem as pulseiras e colares, que além do ganho financeiro, também contribui para a beleza indígena, sustentando as relações de namoro entre os adolescentes que se sentem atraídos pela atenção chamativa dos artesanatos que a mulher indígena usa em seu cotidiano

dentro da comunidade.

Ser indígenas na atualidade é possuir perseverança e determinação, é lutar por seus objetivos, e principalmente por suas terras, porque os indígenas sem *Tekoha* (lugar de conhecimento), não tem *Teko* (Cultura). E isso também acontece com a natureza, sem os animais, as plantas e os rios, eles se sentem como se estivesse faltando algo para completar suas vidas. Conhecidos como os guardiões da natureza, os povos originários, sempre foram a base da cultura brasileira, suas línguas, culinárias, artesanatos, medicinas da mata, os cantos e danças formam a cultura do nosso povo e devemos lutar junto com esses povos para fortalecer a formação do nosso povo que é rico por sua diversidade cultural e social.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para os artesãos e as artesãs, os artesanatos Guarani, ao longo dos anos, permaneceram dentro de suas comunidades com menos intensidade, sendo uma tarefa contemporânea, geralmente das mulheres que, junto aos filhos e netos, fazem seus artesanatos para venda comercial. A venda ocorre em eventos dentro das comunidades e nas áreas urbanas próximas às aldeias. Esses artesanatos carregam muita tradição e ajudam a manter vivas a história e cultura de cada povo. É pelas mãos e detalhes únicos que cada artesão indígena expande a realidade do seu povo, mantendo uma alteridade sociocultural de seus antepassados e transmitindo aos mais novos da comunidade a importância do fortalecimento do seu modo de ser e fazer indígena.

As comunidades indígenas mais próximas das áreas urbanas sofrem mais com o processo de globalização, com a falta de elementos da natureza e com o aumento da poluição. Cercadas pelas grandes plantações dos agricultores, os indígenas acabam tendo que buscar serviços em atividades rurais, fábricas e indústrias próximas de suas comunidades e se colocam, na maioria das vezes, em um sistema indireto de exploração, seguindo um formato de mão de obra barata para poderem manter suas famílias. Isso acaba forçando uma mudança cultural evasiva dessas comunidades, pois a confecção dos artesanatos e outras atividades de amplitude social de seu povo acabam sendo deixadas de lado, principalmente pela delimitação do tempo que já não é mais o mesmo que poderia ser dedicado a essas atividades. Consequentemente, as crianças e os mais jovens acabam não aprendendo muitas das intervenções socioculturais que os anciões repassaram durante toda a história de suas sociedades.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, K V. **A ética Ye'kuana e o espírito do empreendimento**. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

BARÃO, V. M. O mito e o espaço nas representações artístico - culturais dos Mbyá Guarani. **Revista Eletrônica História em Reflexão** (UFGD), v. 1, p. 2, 2007.

COELHO, A.; CUNHA K.; ALMEIDA, F. L. Identidade, memória e cultura material: uma etnografia em torno do artesanato indígena Mbya Guarani no litoral do Paraná1. **RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 5, p. 1544, 2019.

D' AMBROSIO, Beatriz. **COMO ENSINAR MATEMÁTICA HOJE?** Disponível em: http://educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/MATEMATICA/Artigo_Beatriz.pdf, acessado dia 20/08/2022.

D'AMBROSIO, U. A Metáfora das Gaiolas Epistemológicas e uma Proposta

Educacional. **Perspectivas da Educação Matemática**, v. 9, n. 20, 27 dez. 2016.

D'AMBROSIO, U. Tendências e Perspectivas Historiográficas e Novos Desafios na História da Matemática e na Educação Matemática. **Educ. Matem. Pesq**, São Paulo, v. 14, n. 3, p.336-347, 2012.

DA MATTA, R. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

LAGROU, E. No Caminho da Miçanga: arte e alteridade entre os ameríndios. **Enfoques**, v. 11, n. 2, 2012.

LORENZATO, S. **Por que não ensinar Geometria?** Revista da Sociedade Brasileira de Educação Matemática. São Paulo, ano III, nº 4, p. 3–13, 1º semestre 1995.

MALDANER, M. P. **Educação e Cultura Indígena Guarani**: Práticas Educacionais no Colégio Estadual Indígena Teko Ñemoingo, Tekoha Ocoy. Dissertação de mestrado (Mestrado em Integração Contemporânea da América Latina), UNILA, Foz do Iguaçu, 2016.

NASCIMENTO, J. A. M; FREIRE, J. C. T.; A MUSICALIDADE E O MODO DE SER MBYÁ-GUARANI. **Revista Jovens Pesquisadores**, 11(2), 65-79, 2021.

PASCHOALICK, L. C. A. **A arte dos índios kaiowá da Reserva Indígena de Dourados-MS**: transformações e permanências, uma expressão de identidade e afirmação étnica. Dourados: Ed. UFGD, 2008.

PERES, D. A. **Os saberes guarani e os processos de ensino e aprendizagem no Colégio Estadual Indígena Teko Ñemoingo da aldeia indígena Tekohá Ocoy**. Dissertação (Mestrado em Estudos Latino-Americanos) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2020.

RIBEIRO, R. G. T.; **Práticas educativas de Matemática implementadas no Ensino Médio em um Colégio Estadual Indígena Guarani**. Dissertação (Mestrado em Ensino) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, 2019.

ROSA, M. S. C; BESSA, O. M. ; ALMEIDA, J. D. . **Breve história das jóias**: uma análise social. In: Congresso Ergotrip Design, 2014, Natal. 3º Congresso Ergotrip Design 2014 - Design Ergonomia e Interação Humano-Computador. Natal, 2014.

SEEGER, A. Novos horizontes na classificação dos instrumentos musicais. In: RIBEIRO, B. (ed.). **Suma Etnológica Brasileira**, v. 3. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 173- 179.

SILVA, A. **O grafismo e significados do artesanato da comunidade guarani da linha gengibre**. Monografia (Graduação em Licenciatura Indígena Intercultural do Sul da Mata Atlântica). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

SOUZA, J. **O SENTIDO DAS ARTES/ARTESANATOS**: O olhar das mulheres Guarani sobre os usos do artesanato e rituais. Monografia (Graduação em Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.